CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
O VENTO NO CINEMA - FAZER VER O INVISÍVEL
31 de outubro de 2022

STEAMBOAT BILL JR. / 1928

(Marinheiro de Água Doce)

um filme de Buster Keaton

Realização: Buster Keaton e Charles Reisner / **Argumento**: Carl Harbaugh / **Direcção de Fotografia**: J. Devereux Jennings e Bert Haines / **Montagem**: J. Sherman Kell / **Interpretação**: Buster Keaton (William Canfield Jr.), Ernest Torrence (William Canfield Sr.), Tom Lewis (Tom Carter), Tom McGuire (John James King), Marion Byron (Marion King), Joe Keaton (o barbeiro), etc.

Produção: Joseph M. Schenck – Buster Keaton Productions / **Cópia**: dcp, preto e branco, mudo, com intertítulos em inglês, legendas em espanhol e legendado electronicamente em português, 70 minutos / **Estreia em Portugal**: Tivoli, a 18 de Novembro de 1929.

Steamboat Bill Jr., mesmo se não é normalmente incluído entre a "nata" da produção de Buster Keaton, contém, não obstante, alguns dos mais célebres momentos da obra do "homem que nunca ria". É o "filme do vendaval", que cobre toda a parte final de **Steamboat Bill Jr**., uma sequência que é toda ela um "tour de force" técnico e uma perfeita demonstração da prodigiosa imaginação do cineasta.

Tal é a força dessa parte final, e tal é a mestria que nessas sequências Keaton exibe, que muitos comentadores da obra do realizador têm tendência a desvalorizar um bocadinho **Steamboat Bill Jr.** como um todo, encarando o filme como pouco mais do que a criação de um pretexto narrativo para que Keaton possa chegar a essas cenas – assim vistas, portanto, como o essencial do filme. Por extensão, tudo o que acontece antes do vendaval, seria na sua discrição o trabalho de um Keaton em ritmo de cruzeiro, para não dizer em ritmo de rotina.

Se, em parte, há algumas razões para pensar assim, é difícil aceitar que quem pensa assim tenha toda a razão. O princípio (e o meio) de **Steamboat Bill Jr**. são, no que toca à mecânica do "gag" e à lógica humorística, qualquer coisa de muito delicado, a lembrar que Buster Keaton não foi só um mestre do "gag" grandioso e espectacular, mas também do "pequeno gag", feito de pormenores minimalistas. Aliás, alguns momentos de **Steamboat Bill Jr.** (por exemplo, aqueles que mostram a personagem de Keaton a "aclimatar-se" ao barco) deixam ver bastante bem a que ponto a influência de Keaton se fez sentir sobre o cinema de Jacques Tati. Paralelamente, é um filme onde conta muito a "honestidade" de Keaton na relação com o espectador: há muito pouca "batota", a maior parte dos "gags" – sobretudo naqueles que implicam

qualquer espécie de acrobacia física – são mostrados em plano aberto e, sempre que possível, sem corte: quase mais importante do que o "gag" em si mesmo é a sua mecânica, e é importante que o espectador a possa ver a desenvolver-se, no tempo e no espaço, sem ver em vez disso um "truque".

Num filme que retoma grande parte dos temas recorrentes quer no burlesco (um corpo humano a tentar habitar um espaço que não domina, perante objectos que insistem em demonstrar que estão "vivos") quer em Keaton (o sublinhar da inadaptação e da solidão da sua personagem), há uma outra dimensão importante, extremamente pessoal, em **Steamboat Bill Jr**.. É Jean-Pierre Coursodon, no seu livro sobre o cineasta, quem nos chama a atenção para ela, começando por referir que a sequência capital do filme nasce de uma recordação de infância de Buster Keaton: em 1898 (tinha Keaton três anos) um ciclone arrancou-o do berço, fê-lo voar pela janela e depositou-o suavemente na rua, sem lhe provocar qualquer ferimento. O pormenor é delicioso (e permite pensar que a partir desse momento Keaton tinha o destino traçado: seria um inventor de "gags" acrobáticos) e diz alguma coisa sobre o lado pessoal do filme. Mas Coursodon chama ainda a atenção para o facto (raro, nos filmes de Keaton) de aqui a sua personagem, em vez de ser um solitário que não vem de lado nenhum nem vai para lado algum, viver uma história de família – e sobretudo uma história de reencontro com o progenitor. Coursodon vê aqui um eco da experiência biográfica de Keaton, que iniciou a carreira ao lado do pai em números cómicos de vaudeville burlesco, antes de o abandonar em circunstâncias bastante melodramáticas. Escreve Coursodon: "O esquema geral das relações entre os dois homens é o mesmo no filme e na vida: pai e filho colaboram na mesma actividade; as suas dissensões culminam numa crise e numa ruptura; o filho afirma a sua independência, e o seu êxito ultrapassa todas as expectativas do pai; os dois homens reconciliam-se, e a colaboração pode retomar-se". A história de **Steamboat Bill Jr.**, que começa sob o signo da decepção (o pai que espera encontrar no filho um homenzarrão e depara com uma criatura esquálida e quase efeminada), é portanto uma história de afirmação e de aprovação.

Luís Miguel Oliveira